



CIÊNCIA E IMAGINÁRIO

Call for Papers

Em 1979, o famoso Colóquio de Córdoba, subordinado ao tema «Ciência e Consciência», marcou uma viragem definitiva na separação cartesiana entre racionalismo científico e imaginário, abrindo novos caminhos e perspectivas para uma abordagem verdadeiramente inter ou pluridisciplinar das complexas relações entre matéria, consciência e criação humana, através das quais apreendemos aquilo a que se convencionou chamar de «real». Apesar das polémicas suscitadas, o diálogo entre filósofos e físicos (David Bohm, Fritjof Capra, Olivier Costa de Beauregard, Brian Josephson, etc.), entre psicólogos, neuropsicólogos e estudiosos das religiões, entre o inconsciente colectivo de Jung e as teorias de Einstein, o imaginal de Henri Corbin e as estruturas antropológicas de Durand, entre muitas outras inter-relações particularmente fecundas, permitiram não só mostrar que também as teorias científicas participam de uma visão do mundo cujo imaginário, culturalmente marcado, veicula mitos e procede, na sua tentativa de oferecer uma explicação homogénea e coerente das origens, como uma autêntica narrativa mítica, mas também que são múltiplas e de várias ordens as afinidades entre o símbolo, o regime das imagens e os fenómenos de não-separabilidade e de constante des-locação espaço-temporal das partículas postos em evidência pela física e a mecânica quânticas. Ao perder a sua objectividade epistemológica (Galileu, Descartes, Newton, Lavoisier, etc.), o seu estatuto de objecto perfeitamente circunscrito e localizável, o real manifesta-se agora como uma entidade necessariamente «velada», segundo a expressão de Bernard d'Espagnat, plural e paradoxal, como um significante que se caracteriza, como nos sistemas simbólicos, simultaneamente por um inesgotável excesso de sentido e por uma ausência constantemente à espera de ser questionada e colmatada, o que nos obriga a repensar o conceito de imaginário na sua relação com a própria noção de identidade.

Por outro lado, a par dos aspectos culturais, educacionais e até ambientais, parece hoje cada vez mais evidente, na esteira das reflexões de K. Lorenz e K. Popper, entre muitos outros, a importância dos aspectos filogenéticos na construção do imaginário, e, por conseguinte, a sua função na própria conservação da espécie. E se, como sugeria Popper no *Simpósio de Viena* (1983), «da amiba a Einstein vai apenas um passo», na medida em que qualquer organismo vivo, por mais elementar que seja, «coloca constantemente questões ao mundo, esforçando-se por encontrar as respostas adequadas» aos desafios que este lança à sua sobrevivência, tal não significará que toda a relação com o real e com o Outro implica sempre uma visão do mundo (necessariamente lacunar, fragmentária e contraditória) na qual o imaginário assume uma dimensão ao mesmo tempo biológica (orgânica) e cognitiva? De resto, não mostrou ainda recentemente António Damásio que contar histórias (ou seja, organizar narrativamente a nossa experiência através de mapas cerebrais) é uma das mais elementares e arcaicas «obsessões do cérebro»?



Neste sentido, longe de ser apenas uma dimensão marginal à ordem material e física do mundo (visível e invisível), o imaginário está intrinsecamente implicado nela, sobre-determinando a forma como sentimos, lemos, representamos (tanto através do discurso artístico como através dos discursos científico, histórico, religioso ou mítico) a realidade que nos envolve, bem o modo como com ela interagimos e a transformamos.

No espírito aberto e interdisciplinar que presidiu outrora ao Colóquio de Córdoba, o **2º número dos Cadernos do CEIL – Revista multidisciplinar de Estudos sobre o Imaginário** convida assim os investigadores dos vários domínios científicos a reflectirem sobre esta relação essencial entre Ciência e Imaginário (nas suas múltiplas vertentes e manifestações – ver linhas de reflexão possíveis), enviando os seus contributos para cadernos_ceil@fcs.unl.pt até ao dia **30 de Março de 2012**. Os textos deverão respeitar as normas editoriais da revista e ser acompanhados por uma breve nota biobibliográfica do seu autor e um resumo (em português e em inglês).

Possíveis linhas de reflexão:

1. Ficções e imaginários científicos;
2. Mito, Ciência e Imaginário;
3. Ciência e imaginário artístico (literatura e outras artes).

Roteiro Bibliográfico:

ATLAN, Henri. *À Tort et à raison. Inter critique de la science et du mythe*. Paris: Seuil, 1986.

BOHM, David. *Wholeness and the Implicate Order*. London: Routledge, 1980.

_____. *On Creativity*. London: Routledge, 1998.

COMBES, Claude. *Évolution: les grandes questions*. Paris: Éd. Le Pommier, 2010.

COSTA DE BEAUREGARD (O.), CAZENAVE (M.) & NOEL (E.). *La Physique moderne et les pouvoirs de l'esprit*. Paris: Gréco, 1981.

DAMÁSIO, António. *O livro da consciência*. Lisboa: Círculo de Leitores, col. «Temas e Debates», 2010.

DURAND, Gilbert. *Introduction à la mythologie. Mythes et sociétés*. Paris: Albin Michel, 1996.

HOLTON, Gérard. *L'Imagination Scientifique*. Paris: Gallimard, 1981.

D'ESPAGNAT, Bernard. *À la recherche du réel: Le regard d'un physicien*. Paris: Dunot, 1993 (2e édition).

_____. *Le Réel voilé. Analyse des concepts quantiques*. Paris: Fayard, 1994.

LORENZ, Konrad; POPPER, Karl. *L'Avenir est ouvert*. Paris: Flammarion, 2000.

PRIGOGINE, Ilya. *La Fin des certitudes. Temps, chaos et les lois de la nature*. Paris: Odile Jacob, 2010.



PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle. *La Nouvelle Alliance*. Paris: Folio, 1986.

NEWBERG, Andrew et alii., *Pourquoi « Dieu » ne disparaîtra pas*. Vannes: Sully, 2003.

Science et Conscience. Les deux lectures de l'Univers. Actes du Colloque de Cordoue. Paris: Stock, 1980.

THOMAS, Joël (org.). *Introduction aux méthodologies de l'Imaginaire*. Paris: Ellipses, 1998.